

Fichamento

Conceito de Filologia – Bruno Basseto

O conceito de filologia não é unívoco. Daí a necessidade de se levantar a biografia do termo.

Do grego, filólogo significa “**amigo da palavra**”, aquele que aprende e gosta da palavra. Inicialmente era oral, o filólogo era um falante ou ouvinte. Quando a escrita se tornou mais comum, passou a designar os que liam e escreviam.

Em Platão, Aristóteles, e posteriormente Cícero, vimos que *filólogo* ganhou uma conotação de **intelectualidade**. Sêneca em 1 d.C. define com mais exatidão, sendo o filólogo não apenas um gramático, mas um sábio que apresenta análises, deduções, conhecimentos de livros e relacionamento dos fatos.

Plutarco ainda no sec. I d.C. indica que filólogos eram aqueles com mais vontade de aprender. Sextus Empiricus (cerca de 200 d.C) aponta o conteúdo semântico de “filólogo” para algo refinado e culto, como em Cícero. Há ainda várias outras aparições do termo com certa consonância para a conotação de **sábio, erudito**. A diferença de filósofo para filólogo é que o primeiro que discutia as ideias, enquanto o segundo as conhecia, sem necessariamente a análise, uma “biblioteca viva”.

Quando o cristianismo se impõe, começa a rarear a ocorrência do termo. A nova mentalidade cristã levou os estudiosos a outra visão do mundo, tentava-se suprimir tudo que não se pudesse cristianizar.

Somente com o renascimento nos séculos XV e XVI surgem renomados humanistas, o termo filólogo volta a qualificar os intelectuais e a filologia ressurgiu com vigor. Nesse período, as línguas nacionais se firmam e surgem gramáticas, dicionários e manuais. A grande preocupação que restava era a origem das línguas.

Sob influência da bíblia, autores consideravam o hebraico como a língua primitiva. Não se haviam descoberto as famílias de línguas indo-europeias.

Os gregos e romanos não se interessavam por outras línguas que não a própria, e durante a idade média a única língua considerada digna de ser instrumento de arte

era o latim. No renascimento nasce o interesse pelas línguas regionais. No século XVII, surgem os primeiros dicionários bilíngues.

Nessa época, os que se denominavam “filólogos” não mais se aplicavam aos múltiplos e variados conhecimentos, como Eratóstenes era chamado, mas sim se dedicavam a questões relacionadas a linguagem ou com línguas. fixa-se então o conteúdo semântico comumente atribuído ao filólogo: **pesquisador da ciência da linguagem e da literatura a partir de textos.**

Os séculos XVII e XVIII foram produtivos para os estudos linguísticos, com muitos estudos de fonética, propostas de reformas ortográficas, pesquisas e teorias sobre a origem das línguas, questões estilísticas e abordagem filosófica da linguagem.

O conhecimento do sânscrito, no século XIX, é um marco na história da filologia. O interesse pelo sânscrito se generalizou entre os estudiosos com relações observadas entre o sânscrito e as línguas europeias. Nesse contexto, Paris foi o centro de estudos e aplicou-se o método comparativo entre as línguas. **Os filólogos, então analisam, comparam, classificam, estabelecem relações de parentesco entre línguas, traduzem e comentam textos.**

Em paralelo aos estudos do sânscrito, a filologia greco-romana também obteve êxitos, sobretudo no trabalho da crítica textual e comparação das línguas indo-europeias.

Também foram considerados filólogos aqueles que estudavam as línguas românicas. O provençal atraiu a atenção dos romanistas por possuir uma grande literatura lírica. **Friedrich Diez** estudou profundamente o castelhano, o provençal e posteriormente outras línguas românicas e publicou entre 1836 e 1843 sua “Gramática das línguas Românicas” e em 1854 seu “Dicionário Etimológico das Línguas Românicas”. Diez faz derivar diretamente do latim vulgar as línguas que considerou. Ele é considerado o pai da filologia românica.

No final do século, Meyer-Lübke incorpora a gramática de seu antecessor e amplia consideravelmente o campo românico, representa a mais segura codificação da romanística. Esses estudos foram completados e superados com o tempo, com novas pesquisas em dialetologia e os novos métodos da geografia linguística.

Além da denominada linguística espacial, a onomasiologia e os atlas linguísticos ampliaram a pesquisa léxica não só à fonética ou semântica, tornou-se um estudo biográfico das palavras.

O estudo científico da linguagem tomou impulso depois de Saussure, pai da linguística moderna. Ele estabelece fases cronológicas do estudo das línguas. E define que a língua não é o único objeto de estudo, a filologia estuda textos e tudo quanto for necessário para tornar esses textos mais acessíveis (a língua, política, história, geografia etc.).

Todavia, a definição de filologia, mesmo atualmente entre autores renomados, não é unívoca. É difícil “depreender a finalidade da unidade”. Muitas definições pecam pela falta de abrangência, como “estudo geral das línguas”, “estudo dos discursos dos homens” ou “estudo a língua na literatura”.

Dentre as numerosas definições, duas se destacam “Filologia é o conhecimento do conhecido” e “a ciência dos produtos do espírito humano”.

Em resumo, o termo filólogo surge no grego como “amigo da palavra” e em geral recebe o significado de estudioso, que gosta de aprender, ou de culto, sábio, refinado. Com o renascimento, o termo volta a aparecer e a partir do século XVII denomina aqueles que estudam os textos e as características de uma cultura com base em sua língua ou literatura.